

Historia Oral da Comunidade Pesqueira de Santa Marta Pequena (Laguna - SC) .

Bruno Neves
Carlos Coutinho
Juliano Vilke
Marina Ferrante

1. ENTREVISTA:

Entrevistada: Dona Dorvalina .



Aonde a senhora nasceu?

Dorvalina: Eu nasci em casa, não nasci no hospital, também ganhei meus filhos tudo em casa.

Me diz uma coisa é verdade que a senhora já foi pescadora?

Dorvalina: Eu, não pra pescar, eu pescava né, mas não era assim pra vender, assim só pra casa né!

O marido da senhora trabalhava como pescador?

Dorvalina: Não, ele pescava só pra comer, mas ele era pedreiro, era tudo né, trabalhou na prefeitura. Onde mais ele trabalhou foi na prefeitura, na estrada.

Essa lagoa daqui [centro] ela era limpa antigamente?

Dorvalina: Essa daqui eu não sei, eu não morava aqui.

Aonde é que a senhora morava?

Dorvalina: Morava lá na banda de Santa Marta Pequena.

Do outro lado da Balsa?

Dorvalina: Ohh, mas era bem pra lá, perto do farol. Pescava naquela lagoa que vai lá pro farol.

Mas aquela lagoa é limpa né?

Dorvalina: É, aquela é, ela entra água salgada tudo. Levava a Nina [filha] na canoa e pescava. Ai eu fui criada só em serviço duro. Não sei o que é serviço fino e nem sei ler. Não sei. Se eu passar a mão no lápis eu não sei. Agora pra se for pra mão num machado pra saber, aham. Machado, facão, enxada, pá, tudo isso eu trabalhava. Mais do que eu trabalhei foi de caieira.

Dona Dorvalina, mas diga uma coisa, quantos filhos a senhora tem?

Dorvalina: Quantos filhos, eu tenho seis. Dois mortos e quatro vivos.

Eles moram aqui em Laguna mesmo, perto da senhora?

Dorvalina: Só quem mora aqui na Laguna é essa aqui [Nina], os outros, um mora em Imbituba, o outro mora lá no Santa Marta e um filho lá na Santa Marta.

E esses filhos da senhora, e os da Nina trabalhavam como pescadores, trabalham ainda?

Dorvalina: Meu filho? Não ele não trabalhava de pescador, mas ele trabalhava, ele pagava a pesca. Pescava assim, serviço assim, não como os outros marujos. Ele já tem bastante anos, já tem quase setenta anos. Meus filhos são tudo novinhos assim [risos] um já tem oitenta e pouco, o outro setenta e pouco, o outro é setenta e três parece [risos], são tudo criança.

A senhora lembra da época que a senhora estudava, da época do colégio?

Dorvalina: Eu nunca fui no colégio, nem sei o que é colégio. Nunca fui. Naquele tempo ninguém ligava né. Só dava era serviço, o pai só dava era serviço né, só trabalhava no pesado.

Como era o nome do seu pai?

Dorvalina: José Jacinto Mendonça

E da sua Mãe?

Dorvalina: Júlia Isabel da Conceição

Como que a senhora conheceu o seu marido? Como é o nome dele?

Dorvalina: Luís Carlos Teixeira. Nós morava perto . Eu morava perto dele, bem pertinho.

Vizinho?

Dorvalina: Não era muito vizinho , mas era bem perto. Trabalhava com meu pai.

Daí vocês se apaixonaram, se gostaram?

Dorvalina: Apaixonaram [risos]. Apaixonar?! Se se apaixonasse muito o pai metia o pau! [risos] Ver era bem de longe, por que ele não deixava.

Dona Dorvalina, a senhora não foi pra escola, mas os filhos da senhora foram?

Dorvalina: Meus filhos, todos, todos eles estudaram.

Por que daí eram outros tempos né?

Dorvalina: É, no meu tempo quase ninguém ia né. Só tinha uma escolinha lá mesmo. Minha mãe morava, meu pai morava, mais só queriam que trabalhasse, naquele tempo era, no serviço pesado né.

Pescador, pedreiro... essas coisas assim?

Dorvalina: Há, de pedreiro era muito leve, é.

Que tipo de serviço?

Dorvalina: Era fazer *cale* [cal], trabalhava pra fazer *cale*, queimando a lenha.

Mas a senhora criou todos os seus filhos assim né?

Dorvalina: Já os meus filhos eu botei no estudo né, estudavam mas não pra né, mas estudavam.

A senhora frequenta igreja, missa? A senhora é Católica?

Dorvalina: Eu não, sou Crente. Era católica mas agora sou crente. Muitos anos já, ihh já faz muito tempo. Não vou por que a nossa igreja é longe né, é lá na Santa Marta Pequena.

Qual é a igreja de vocês?

Dorvalina: Igreja Remanescente.

E por que a senhora virou crente? Qual é o motivo?

Dorvalina: Qual é o motivo? Ah é por que foi um pastor lá e nós fomos tudo pra igreja. O pastor que mora lá onde nós morava é o meu genro.

Nina: Há 52 anos que é crente.

E a senhora gostava de pescar?

Dorvalina: Gostava? Era obrigado né! [risos] Se eu não gostasse tinha que ir né.

Quando a senhora pesca, pesca de rede, tarrafa, de linha... como é que era?

Dorvalina: Remava pra ele tarrapear, remava. Batera, botava a rede. Botava a rede também né, de pesca eu sei tudo.

E camarão, tinha bastante naquela época?

Dorvalina: Ninguém pescava camarão, só tarrafeava. Não botavam aquela rede, hoje é que botaram. Deu aquelas enchentes [enchente de 1974 no Rio Tubarão], ai ia pescar de batera, ia pescar no mato, enchia de traíra. Traíra, jubiá, tudo. Entrava assim no mato pra conferir né, o mar enchia, o banhado fica assim cheio de água, até no centro, era muita água. Agora já não dá mas enchente assim por que já esgota pro canal né. Não saía no Mar Grosso, só pescava de "espinhal" na praia. Nunca entrei nem meu marido entrava. Mas não vivia assim da pesca.

Vivia de que?

Dorvalina: Meu marido trabalhava na prefeitura.

O que ele fazia lá?

Dorvalina: Na prefeitura? Ele limpava as estradas, aquando arruma de pedreiro ele trabalhava.

Ele ajudou a fazer a Nossa Senhora da Gloria?

Dorvalina: Oh trabalhava lá em cima, brigava com a santa. [risos]

E era muito diferente a cidade naquela época e hoje?

Dorvalina: Eu nem sei, nem vou na cidade! Mas acho que é só uma coisa só né, por que nada tinha demais. Hoje é tudo a mesma coisa, não muda nada né. Desde o tempo que conheci acho não acho que aumentou nada. Aumentou uma loja uma coisa, mas Laguna nunca foi grande coisa. Nós ia de canoa, trazia *cale* pra vender, meu marido vendia *cale* ali. Vendia ali nas Docas.

Mas Santa Marta mudou bastante né?

Dorvalina: Eu não acho que nada mudou tanto. Só agora tão fazendo uma estrada lá melhorzinha.

Mas assim de casas, de moradores novos?

Dorvalina: Não, não mudou mais nada aquilo lá. Não tem muita coisa lá não. Lá não tem muita coisa não. Santa Marta é o lugar que nunca aumentou aquelas casa boa, sabe. Nos outros lugar sempre eles fazem um prédio, fazem umas casa de tijolo boa. Não tem nada lá. Olha lá que mora lá em Santa Marta mesmo só pra gente que tem alguma casa de fora, mas ali é pouca. Eu tenho uma filha que mora lá, uma filha não uma neta, tenho um neto também lá. Essa mora lá mas bem lá perto da lagoa.

A senhora gosta de morar aqui? [Hoje D. Dorvalina mora em um conjunto habitacional da prefeitura, na entrada da cidade].

Dorvalina: Ah pra mim não tem lugar, tendo pra comer é bom [risos]. Não posso mais trabalha, não posso mais fazer nada, já trabalhei muito agora não posso, então tendo pra comer ta bom né pra dormir. Pra mim não tem lugar, né, não posso mas andar, não ando bem, de sair e andar né.

Dona Dorvalina, mas a senhora gostava de morar em santa marta?

Dorvalina: Eu para mim nunca teve lugar, eu queria era trabalhar, onde tinha serviço para mim tava bom.

Mas a senhora acha bonito? O que tinha de bonito lá?

Dorvalina: Bonito lá? Hum não, bonito o que? Não tinha nada nem estrada não tinha.

Mas a lagoa lá era bonita, né?

Dorvalina: A lagoa é bonita né, para quem olha, mas para ir remar fazer força é ruim. Nós tirávamos a lenha, trazia tudo de bateira, rachava lenha.

E naquela época em santa marta tinha energia elétrica? Televisão, geladeira essas coisas?

Dorvalina: Só se de encomenda, porque lá não tinha luz. Na enchente não tinha luz Nina? Não tinha não, não tinha, a gente tinha liquinho, o nosso liquinho era diferente a gente tinha comprado para casa, clareava bem.

Mas o povo dormia cedo para acordar cedo para pescar?

Dorvalina: Que nada, pescava de noite. A gente pescava de dia quando pescava. Meu marido nunca foi de pescar, pescava para comer mas viver da pesca, não.

Mas ele pescava para levar para casa?

Dorvalina: Ele se aposentou novo e pescava só para comer, ele trabalhava na prefeitura o tempo todo, teve cinco anos encostado depois se aposentou.

E qual seria a idade dele hoje?

Dorvalina: A idade? Deixa eu ver ele tem, a ele tem cento e que Nina?

Ele nasceu em que ano?

Dorvalina: Se ele fosse vivo ele estaria com 105 anos nasceu em 1912.

Faz quanto tempo que ele faleceu?

Dorvalina: Faz 19 anos, ele teria 102.

Ele faleceu do que?

Dorvalina: Ele? Eu nem sei do que, acho que foi da idade ele, tinha 85 anos, mas ele tinha uma perna inflamada, eu nem sei do que ele morreu, do que foi Nina?

Nina: Vebrite, no dia em que ele estava mal ela estava com 40 graus de febre.

E a senhora sente muita falta dele?

Dorvalina: Sinto, nós vivíamos só nos dois em casa. Eu não trabalhava, saímos junto para pescar. Ele trabalha com o João Sargento. Plantava, limpava e carpia. Tudo para o João Sargento. Quando ele morreu ainda trabalhava para o João Sargento.

Quem é o João Sargento?

Dorvalina: É um antigo morador na cidade, ele já faleceu. Eu não sei se os filhos dele ainda têm aquele posto de gasolina, bem na entrada do hospital, ele foi um homem muito bom para ele. Tanto ele para ele quando o outro para ele. Meu marido era muito bom para ele também, tomava conta de uma fazenda grande e cuidava dos

gados, tirava Leite. Ele pagava pouquinho mas pagava. Se fosse pagar hoje teria que pagar um salário né? Mas ele dava um trocadinho, venda de leite.

A senhora é aposentada?

Dorvalina: Eu sou.

A senhora recebe um salário?

Dorvalina: Sim, recebo um salário.

Dona dorvalna a senhora falou que trabalhou muito, e o que a senhora fazia para se divertir? Ia a festas? Essas coisas?

Dorvalina: Eu ia em festa primeiro, assim, porque ele não era crente era festeiro. Ai ele que cuidava da festa, botavam ele dai ele tinha que ir né.

E aonde eram essas festas?

Dorvalina: La em Campos Verdes. Ele também cuidava de clubes porque ele era muito certo não roubava.

E tinha banda nessas festas?

Dorvalina: Banda de fora, eles pagavam e elas vinham. Lá em Campos Verdes nunca foi lugar muito bom, nem agora acho que é, muito grande né Nina.

Nina, vocês têm fotos para mostrar para a gente? Da vida de vocês, vocês mais novos? Lá de Santa Marta?

Nina: Olha, eu não sei nem aonde é que estão, esse dias estava vendo uma foto ali, fotos da estrada de chão, porque agora que estão fazendo asfalto ali. Mas agora com o dia das mães minha irmã levou fotos para por na internet. Do pai e da mãe sentados juntos e tô sem a foto.

A senhora mora aqui faz um ano? A senhora morava em Santa Marta?

Dorvalina: Acho que nem chega a um ano ainda, parece.

Mas a Nina é casada?

Dorvalina: Velha assim e não ser casada? Eu já tinha mandado embora, ela tem dois filhos só, um tem depressão e o outro quebrou a perna em um acidente.

E seus netos? Algum trabalha com pesca?

Dorvalina: Meus netos acho que nenhum trabalha com pesca.

Porque será?

Dorvalina: Eles trabalham de pedreiro.

Eles preferem trabalhar de pedreiro?

Dorvalina: A pesca também não da nada né.

É também não tem muita coisa, já pescaram tudo que tinha.

Dorvalina: Tenho uma neta que criei que é casada com um rapaz de lá que é pedreiro, mas ele paga bem os camarada dele de pedreiro, ele é mestre de obra.

Então hoje é melhor ser pedreiro do que pescador?

Dorvalina: Claro né, porque a pescaria de botar rede tem que colocar a rede e esperar que o peixe vá e o pedreiro trabalha o dia e tem o dinheiro.

É um trabalho mas garantido, né?

Dorvalina: Sim, é mais garantido não estar esperando que vá entrar o peixe para vender né, são tudo pescador e pedreiro.

Então hoje tem menos peixe do que naquela época?

Não sei né.

Nina: Fui tentar achar fotos da mãe e do pai, não tem mais nada, porém achei essa foto do dia em que uma baleia entrou na lagoa, ai a capitania foi lá puxou ela e levou lá boca da barra.

Dona Dorvalina antigamente vocês plantavam alguma coisa?

Para comer?

Dorvalina: Nós plantava muito né.

Plantavam o que?

Dorvalina: A gente plantava no cercado dos outros, porque na Santa Marta não tinha, mas a gente plantava fora. Na Santa Marta a gente plantava no cercado do Sargento. Ele tinha um terreno lá, tinha casa tinha tudo, ai ele tomava conta de tudo e tinha gente que morava na casa também. Mas ele pagava quanto queria. Mas ele foi muito bom.

E a senhora sabe fazer rede, tarrafa?

Dorvalina: Sei. Sabia né, agora não sei mais mexer, mas sabia fazer rede, tarrafas, isso eu fazia.

A senhora fazia para vender? Ou só por fazer?

Dorvalina: Fazia por encomenda, a pessoa encomendava ai eu fazia. Trabalhei muito. As vezes me dava uma zipra, é aquela doença que arrebenta tudinho na gente, deixa tudo doendo do joelho para baixo, fica que é uma chapinha, mas faz uns 12 nos que não tenho. Mas todo ano arrebentava tudo eu não podia sair, as minhas pernas chegavam a pesar uns 12 quilos, ai depois que a Maria me deu remédio nunca mais deu. Nunca tinha remédio que me curasse, e ela não me deu um remédio que nunca mais me deu.

Dona Dorvalina vocês iam no cinema, ali no centro na cidade?

Dorvalina: Nunca!

Nem os teus filhos, nunca?

Dorvalina: Nunca fui.

Nunca foste Nina?

Dorvalina: Nina: Não... ah!

Porque?

Nina: Porque não ia ninguém ia?

Dorvalina: Nós não morava aqui!

Há, mas era só ir de barco, né?

Dorvalina: E olha, meu marido era contra. Os crente ele era contra! Ah, ele não queria saber de crente, ele trabalhava na igreja, ele fazia...

Ele era católico?

Dorvalina: É. Mas quando ele ficou crente, mas foi hoje, ele coiso hoje o que foi de católico. Morreu crente, graças a Deus, ele nunca nunca pisou o pé fora.

Dona Dorvalina, qual que é a coisa que senhora mais gostava de fazer aqui?

Dorvalina: Mas o que eu vou dizer!

**O que mais gosta de fazer até hoje!**

Dorvalina: Hoje... hoje só gosto de comer, porque não dá muito trabalho

Mas antigamente, o que a senhora mais gostava de fazer?

Dorvalina: D- nada!

Nada?

Dorvalina: Trabalhava em tudo. Eu capinava, eu plantava, eu fazia tudo quanto era serviço de homem. Já não era de mulher que eu trabalhava, era de homem. Trabalhava né, eu capinava, eu plantava né, colhia trabalha de machado, trabalhava de foice, de tudo, de pá de tudo eu fazia. Serviço de homem, negócio de casa só fazer comida.

Hoje pra pescar tá ruim então?

Dorvalina: Tá perigoso.

Nina: A pesca tá ruim.

Dorvalina: Acho que lá no meu lugar não vive mais ninguém de pesca, não. Nós pescava. O velho gostava de pescar, ele trabalhava mas pescava, pegava traíra, jundiá. Quando dava assim as enchentes, ele pegava os cóvi e colocava dentro do mato, que ai né, fora o peixe não ia, aquele mato, aquilo tudo cheio daquelas coisas. Lá nos coqueiros fazia aqueles caminhos botava o cóvi lá enchia de peixe.

Quando enchia a maré?

Dorvalina: Quando enchia tudo, dava jundiá, trairá era cará, tudo que é.

Mas ele vendia esse peixe?

Dorvalina: Vendia, o comprador comprava na porta. Lá se vende tudo na porta, lá o que tivesse vendia. Era siri, camarão é peixe tudo se vende na porta. Lá o bombeiro passa lá, o bombeiro de Campos Verdes.

E como é que a senhora preparava o peixe, era senhora que preparava?

Dorvalina: Não, vendia tudo inteirinho.

Pra comer na sua casa?

Dorvalina: Há, descama né, conserta bem direitinho, bem limpinho, depois frita, assa ou cozinha de qualquer jeito

E temperava com que?

Dorvalina: Eu morava?

Nina: Ela não está entendendo.

Manjericão, alfavaca os temperos as folhinhas verdes?

Dorvalina: Não, não botava. Aqui só comia peixe cozido assim, só ensopadinho ou se não frito ou assado. Um peixe bom, pra ele comer, que ele era um homem doente, já não era muito bom pra comer. Tem gente que tudo come, tem bucado de peixe come, tem

siri come, camarão ele come, tudo é bom né. Mas ele já era assim, já era um homem mais doente.

E a senhora já viajou pra um lugar fora de Laguna?

Dorvalina: Só pro centro, só pra Caxias do sul, Porto Alegre, na Vila Jardim, eu tinha filho lá.

Ahh visitar os filhos?

Dorvalina: Agora não tão mais nada láá.

Estão todos para pra cá?

Dorvalina: Vieram embora né.

Mas aqui é bom de morar, aqui em Laguna?

Dorvalina: Quem não trabalha, quem não sai pra comer, não é bom. Não trabalho né, não faço comida pra comer, é bom morar.

Por que a senhora não faz mais rede então agora, se a senhora não quer ficar parada?

Dorvalina: Não, agora não enxergo a rede.

Não enxerga?

Dorvalina: Não enxergo bem né. Se fizer fica com o nó corrido.

Que dia que a senhora nasceu?

Dorvalina: Eu nem me lembro.

Nina: Fala, fala.

Dorvalina: Em outubro né, dia 31 de outubro.

A senhora nasceu em que ano?

Dorvalina: Ah, mas como eu posso saber?

Nina: Sabe, sabe.

Dorvalina: Que?

Nina: A senhora sabe, pensa o dia que a senhora nasceu, a data o ano, 1900 e...

Dorvalina: Tu sabe eu não sei.

Nina: Sabe, sabe.

Dorvalina: Não dá mais, minha cabeça muito velha

Nina: 21!

1921, mas a senhora já viu coisa nessa vida então. Meu Deus do céu!

Nina: Antes da guerra.

É!

Dorvalina: Só sei que, eu vou completar 90 que vem, né?

Mas a senhora tá bem!

Dorvalina: Bem não né, quase não lembro. Tenho coração inchado. Morre. Já to com 93 anos.

Nina: É o médico disse assim, pode te prevenir que eu não do um mês pra ela.

Quantos anos isso já? Ela é muito jovem pra idade dela, sabe ela é bem alegre.

Nina: Ela tem um espírito.

Dorvalina: Uma vez ele [o médico] falou não levo ela porque ela não passa da balsa, e eu na maca olhando pra ele, e não levou com mede de eu morrer.

Nina: No consultório médico ele disse, mulher teimosinha ainda tá entrando na porta, pensei que já tinha ido. Porque ele diz que ela e teimosa pra viver, porque o problema que ela tem no coração não era pra tá viva mais.

Dorvalina: Agora quanto tempo que ele não vem mais aqui, ele mora no Braço do Norte, quando ele vem consulta lá na cidade, se marcar com ele consulta aqui, mas quando chega lá ele diz, que mulher teimosinha.

Nina: Já digo pra ele fazer o pré-natal que ela tá grávida, ele diz tá.

Dorvalina: É cada um tem o seu emprego. Aquele ali trabalha também?

Não, esse ai não trabalha não, é vagabundo, o só a mãozinha nunca puxou uma rede o lá, isso é preguiçoso.

Juliano: Não trabalho, eu estudo.

Dorvalina: Só estuda.

Como é que pode, só estuda.

Dorvalina: É vadio né. Ele e vadio que só quer estudar

E esse cachorrinho, qual é o nome dele?

Dorvalina: Essa aqui é a Miuxa. Essa aqui é vadia, a gente pode colocar 50 roupas e ela vem por baixo e ô.

Acho que é isso! Bora bater uma foto?

Comentários do grupo:

A vida pacata e simples de uma vila de pescadores artesanais, provavelmente nos remete o pensamento de uma vida fácil, porém depois de conhecer a Sr^a Dorvalina a história muda.

Cidadã lagunense de 92 anos que cresceu nas proximidades do farol de Santa Marta, na Santa Marta Pequena, onde se casou e criou seus 6 filhos, Dona Dorvalina não teve uma relação totalmente direta com a pesca, o que foi uma surpresa, pois esperávamos vários relatos sobre a vida pesqueira.

O que ela contou em poucas horas foi a sua biografia, em que em muitas partes a pesca estava presente.

Vivia numa comunidade tradicional onde as pessoas se casavam cedo e quem não casava não era visto com bons olhos. Com ela não foi diferente, casou-se cedo e fez questão que seus filhos também casassem cedo, isso nos foi relatado com muita veracidade. Segundo a dona Dorvalina, a pesca era um complemento para a alimentação de sua família, a renda principal vinha do emprego de seu marido que era pedreiro, trabalhava para o João Sargento como caseiro em sua fazenda e também trabalhava em obras da prefeitura, obras como a estátua da nossa Senhora da Glória que está situada no morro da Glória. Ela fazia rede e tarrafa sob encomenda para também auxiliar na renda.

É comum até hoje na região de Santa Marta Pequena o trabalho paralelo com a pesca. A maioria dos pescadores artesanais também são pedreiros ou trabalham fazendo "bicos". Quando perguntamos sobre a pesca do camarão na lagoa de Santo Antônio na década de 1960, veio a surpresa: não havia camarão na lagoa, a água era totalmente doce. Na década de 1970 houve uma enchente que levou a água do mar até a lagoa, trazendo os camarões e salgando a mesma.

Dona Dorvalina nunca foi à escola, mas fez questão que todos seus filhos e netos estudassem. Ela nos explicou como era difícil acordar muito cedo para capinar, pescar, confeccionar petrechos de pesca, cuidar da família numa época que não existia nem luz elétrica. E ainda tinha um agravante, uma zipra na perna dela, que ela só conseguiu curar depois dos 80 anos. Hoje ela vive com a Filha Nina. A propósito, foi a Nina quem nos ajudou a entrevistar a Dona Dorvalina. No início da entrevista estava com muito receio de falar com estranhos, mas com o auxílio da Nina ela foi se lembrando de fatos e nos relatando com um humor muito carismático cada parte de sua vida.

